



TERRORISMO

PF prende 2 em SP por ligação com Hezbollah

Dupla é suspeita de planejar atentados contra instituições relacionadas à comunidade judaica. Mossad ajudou na investigação

» RENATO SOUZA

A Polícia Federal (PF) prendeu ontem, em São Paulo, duas pessoas acusadas de terem ligações com o grupo terrorista Hezbollah, que opera no Líbano. Pesa contra eles as suspeitas de estarem planejando atentados contra instituições da comunidade judaica no Brasil. A Operação Trapiche usou informações repassadas pelo Mossad, o serviço de inteligência de Israel, e seu congêner dos Estados Unidos.

A PF e outros órgãos de segurança foram alertadas de que terroristas do Hezbollah estariam recrutando brasileiros para a realização de atentados. As investigações levantaram a ida de brasileiros para Beirute, capital libanesa, para supostamente serem treinados e receberem instruções.

Foram cumpridos 11 mandados de busca e apreensão e dois de prisão temporária, expedidos pela Justiça Federal em Belo Horizonte. As incursões foram em São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal. “Os recrutadores e os recrutados devem responder pelos crimes de constituir ou integrar organização terroristas e de realizar atos preparatórios de terrorismo, cujas penas máximas, se somadas, chegam a 15 anos e 6 meses de reclusão”, informou a PF, por meio de nota.

Um cidadão libanês e um sírio naturalizado brasileiro também são alvos de mandados de prisão no exterior, mas não foram encontrados na operação de ontem.

Ajuda de Israel

Em Israel, o gabinete do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu confirmou que o Mossad colaborou com autoridades brasileiras. Em nota, assegurou que o alvo da Operação Trapiche é uma rede de recrutamento que opera não só no Brasil, mas em vários países.

“O Mossad agradece às autoridades brasileiras por seu papel na prisão da célula terrorista operando sob ordens do Hezbollah, que pretendia lançar um ataque contra alvos da comunidade judaica no Brasil”, diz a nota. Ainda de acordo com as autoridades israelenses, o Hezbollah e o Irã usam o conflito na Faixa de Gaza para orquestrar ataques contra alvos israelenses e ocidentais.



O Mossad agradece às autoridades brasileiras por seu papel na prisão da célula terrorista operando sob ordens do Hezbollah, que pretendia lançar um ataque contra alvos da comunidade judaica”

Trecho da nota do gabinete de Benjamin Netanyahu

“O Mossad continuará operando para prevenir esses ataques, onde e quando for necessário”, salienta o texto.

A Confederação Israelita do Brasil (Conib), órgão que representa a comunidade judaica brasileira, parabenizou a atuação da PF e demonstrou preocupação com a presença de pessoas ligadas ao Hezbollah. “O terrorismo, em todas as suas vertentes, deve ser combatido e repudiado por toda a sociedade brasileira. A Conib parabeniza a Polícia Federal, o Ministério Público e o Ministério da Justiça pela sua ação preventiva, e reitera que os trágicos conflitos do Oriente Médio não podem ser importados ao nosso país, onde diferentes comunidades convivem de forma pacífica, harmoniosa e sem medo do terrorismo”, destaca a nota da Conib.

De acordo com Daniel Bialski, vice-presidente da Conib, a comunidade judaica brasileira está preocupada com a suspeita de pessoas ligadas ao Hezbollah planejarem atentados terroristas no Brasil. “Toda comunidade judaica e toda a comunidade brasileira quer que o Brasil continue sendo um local harmônico, e que esses criminosos sejam punidos com o rigor da lei para que não queiram se aventurar por aqui novamente”, disse.

Os crimes previstos na Lei de Terrorismo, na qual devem ser enquadrados os presos pela PF, são equiparados a hediondos, considerados inafiançáveis, insuscetíveis de graça, anistia ou indulto. O cumprimento da pena se dá, inicialmente, em regime fechado. **(Com Agência Estado)**

twitter/policiafederal



Agentes da PF contaram com dados passados pelos serviços de informações de Israel e dos Estados Unidos

Uma milícia que controla um país

O Hezbollah é uma milícia criada durante a guerra civil libanesa, nos anos 1980, que conta com o apoio do Irã — cujo governo é composto de clérigos muçulmanos da linha xiita. O grupo tem braços políticos, sociais e militares, e professa uma visão estrita do Islã. Desde a criação, foi responsável por atentados no Oriente Médio, Europa e na América Latina, como o ataque à embaixada israelense em Buenos Aires, em 1992 — que deixou 29 mortos.

Historicamente, o Hezbollah tem laços com a comunidade muçulmana, sobretudo na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. A presença de membros do grupo na região preocupa, há anos, as agências norte-americanas de inteligência.

Com a eclosão da guerra entre Israel e o Hamas, o país e o Hezbollah vêm trocando fogo desde 7 de outubro, quando o grupo terrorista palestino invadiu o

território judaico e matou 1,4 mil pessoas, segundo as autoridades israelenses. Com a invasão de Gaza na semana passada, muitos na região temem que o conflito com Hezbollah, que é aliado do Hamas, possa escalar para uma guerra envolvendo também o Líbano e o Irã. Isso deixaria Israel lutando em duas ou, até mesmo, em três, situação que o governo de Tel Aviv pretende evitar.

OLP como alvo

As origens do grupo remontam a uma invasão terrestre envolvendo palestinos. Em 1982, Israel avançou para o sul do Líbano com o objetivo de aniquilar a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), cujos líderes utilizavam o país como base. Foi quando se formou um inédito movimento xiita para resistir à ocupação israelense.

O movimento ganhou o nome de Hezbollah, que em árabe significa “Partido de Deus”. O

grupo logo encontrou um novo aliado no Irã e, nos EUA, um inimigo, depois de se envolver em um atentado suicida na Embaixada norte-americana em Beirute, em 1983.

Israel se retirou do Líbano em 2000, mas o Hezbollah se organizou como força política e, hoje, controla o governo e a burocracia libanesa. Em 2008, o grupo lutou em uma luta sangrenta, que durou 34 dias e deixou áreas de Beirute e outras partes do Líbano arrasadas pelos ataques aéreos de Israel.

Pelo menos 1,1 mil israelenses morreram, de acordo com o Observatório de Direitos Humanos, juntamente com dezenas de soldados de Israel e combatentes do Hezbollah. A guerra também começou na parte norte da fronteira: em julho daquele ano, um ataque do grupo ao território israelense matou oito soldados e sequestrou dois. A violência aumentou rapidamente a partir daí.

Conexões com o crime organizado

Ao menos desde o começo dos anos 2000, autoridades brasileiras investigam relações entre o grupo terrorista Hezbollah, do Líbano, e a organização criminosa PCC. Essa parceria teria como principal foco o domínio na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina, em uma batalha pelo controle de umas das rotas de drogas e armas na América Latina.

Sobre a relação com o PCC, porém, o assunto sempre foi tratado com cautela pelo governo brasileiro e pouco se fala sobre as relações entre os dois. O tráfico de drogas é apontada como uma das portas para o financiamento de terrorismo — e seria o principal motivo para presença do Hezbollah na América Latina. Em troca, o PCC receberia armamento para atuação criminosa.

Na Justiça Federal, um acusado de integrar o grupo criminoso foi preso, em fevereiro de 2018, no Rio de Janeiro. Em uma busca realizada por policiais, documentos serviram como prova de um suposto envolvimento de Elton Leonel Rumich da Silva, apontado como um dos líderes da facção paulista, com o grupo terrorista do Líbano.

Conforme informações da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP) do Rio, quando Elton foi preso, em 27 de janeiro de 2018 — portando documento falso em nome de José Carlos da Silva Júnior —, foram encontrados, pela polícia, aparelhos celulares e uma caderneta no apartamento em que morava. A análise do material permitiu apurar que existiam indícios de que Elton tinha ligação com o Hezbollah.

O requerimento da SEAP ainda destacou a participação de Elton na guerra pelo controle das rotas de drogas na fronteira com o Paraguai. Ele é suspeito de ser o mandante da morte de Jorge Toumani Rafaat, conhecido como Rei da Fronteira, em julho de 2016.

A atuação do Hezbollah na América Latina chamou atenção do governo americano. Recentemente, a general Laura Richardson alertou para “intenções malignas” do grupo no Brasil.

Rafael Campos/Governo do RJ



Dino e Castro aprofundaram a cooperação contra as milícias e o tráfico

RIO DE JANEIRO

Comitê conjunto rastreará dinheiro sujo

» VICTOR CORREIA

O Ministério da Justiça e Segurança Pública e o governo do Rio de Janeiro oficializaram, ontem, a criação de um grupo de inteligência financeira para combater as fontes de renda do crime organizado. O acordo de cooperação e criação do Comitê de Inteligência Financeira e Recuperação de Ativos (Cifra) foi assinado pelo ministro Flávio Dino e pelo governador Cláudio Castro.

O grupo reunirá agentes da Polícia Federal (PF) e da Polícia Civil do Rio de Janeiro, além de integrantes de órgãos de controle

de atividades financeiras — como a Secretaria estadual de Fazenda, a Receita Federal e o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf). O Cifra atuará complementarmente ao trabalho dos integrantes das Forças Armadas em portos e aeroportos, conforme previsto na operação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) — que começou segunda-feira.

“A lavagem de dinheiro funciona dentro do sistema financeiro nacional. E quando eles entram, entram em uma normalidade. O crime vira quase que normal e nós não podemos deixar que se

formalize”, disse Castro.

“Acreditamos que a GLO fecha corredores logísticos. Mas especialistas dirão que haverá o uso de outros. Claro que sim. Mas isso implica, em primeiro lugar, na desarticulação das redes já estabelecidas e, em segundo, aumento do custo da movimentação dessa suposta nova engrenagem”, destacou Dino. No evento, também foram entregues 218 viaturas à Polícia Militar do estado — investimento estimado em R\$ 47 milhões.

Em paralelo às ações contra as organizações criminosas que atuam no Rio, será criada a Ameripol, uma organização de polícia

internacional nos mesmos moldes da Interpol, mas que integrará cerca de 30 países das Américas. A formalização será realizada hoje, em evento no Ministério da Justiça, que contará com a participação de Dino e ministros de 12 dos países-membros.

O grupo atuará na cooperação entre os países no combate ao crime organizado internacional, como lavagem de dinheiro por meio de criptoativos, além da troca de inteligência e capacitação de policiais. O diretor-geral da Polícia Federal (PF), Andrei Rodrigues, será o secretário-geral da Ameripol.